

Compêndio Narrativo do Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira

Prof^a. Dr^a. Anna Maria Moog Rodrigues
(Academia Brasileira de Filosofia – Rio de Janeiro – RJ – Brasil)
(Instituto de Filosofia Luso-Brasileira – Lisboa - Portugal)
annamaria.moog@gmail.com

Resumo: Livro escrito por um moralista do século XVIII no Brasil, colônia de Portugal. Relatos de histórias que se passam com um suposto peregrino que viaja pelo sertão baiano para as terras do ouro em Minas Gerais. O personagem principal extrai lições das histórias contadas ao longo da viagem, baseado nos preceitos morais e religiosos da Contrarreforma Católica.

Palavras-Chave: moral-católica; contrarreforma; peregrinação; Brasil-colônia; sec. XVIII.

1. Considerações iniciais:

No livro *Compêndio Narrativo do Peregrino da America*, de Nuno Marques Pereira, deparamo-nos com a realidade do Brasil do século XVIII, o Brasil colônia, uma natureza tropical exuberante, escassamente povoada, onde o ouro havia há pouco sido descoberto e para onde, conseqüentemente, afluíam todos quantos, inflamados pela cobiça, buscavam realizar o sonho do Novo Mundo, o sonho de fazer fortuna rapidamente.

O livro é um painel onde se vê magistralmente pintada a sociedade brasileira, os senhores donos das fazendas, suas famílias, o enorme contingente de escravos negros, as esparsas vilas, os moradores das vilas, as autoridades governamentais: juizes, coletores de impostos, tabeliães e alferes, os pequenos comerciantes e alguns artesãos. Pairando sobre tudo e sobre todos, a Igreja, marcando com o badalar dos sinos a passagem de cada hora do dia, de cada dia do ano.

Nas igrejas e capelas das fazendas são celebrados todos os eventos maiores da vida dos indivíduos, do batismo à extrema unção. O pároco ou o capelão participa, no dia a dia, das preocupações de todos e de cada um. O painel reproduz com variedade de cores e matizes o drama central de toda essa gente, o conflito entre gozar a vida neste mundo ou gozá-la para sempre no outro.

O tema não é original. A sociedade colonial ainda tem resquícios da sociedade medieval. Os autos de Gil Vicente, assim como os de Pe. José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, ainda são representados e representam a temática central da mentalidade dominante, fundamentalmente religiosa.

Com o surgimento da Reforma Protestante na Europa, reforçara-se a preocupação religiosa-moralista. O tema da moral passa a ser abordado por quantos pensadores vivem numa Europa

dilacerada pelas guerras religiosas. Em Portugal e Espanha, impôs-se o fortalecimento da doutrina católica a partir da Contrarreforma.

2. O Autor

Nuno Marques Pereira é um homem do século. Teria sido ele brasileiro, nascido em Cayru, na província da Bahia em 1652, ou em Portugal, tendo vindo cedo para cá como tantos outros? Note-se que, em qualquer caso, ele se considera português, pois sempre se refere ao Brasil como “colônia nossa”.

Também a data do falecimento é referida ora como 1718, ora como, e mais provavelmente, 1733, ou até 1735.

Tudo indica que foi emboaba, nome que os bandeirantes de São Paulo davam aos baianos e portugueses, e aos forasteiros em geral, que iam às minas em busca de ouro. Teria seguido o grupo do chefe emboaba Manuel Nunes Viana, a quem eventualmente pediu o patrocínio para a publicação de seu livro, quando, mais tarde, seguiu o chefe na viagem que este empreendeu a Portugal para lá deixar uma filha num convento. Pelo visto, o pedido de patrocínio foi atendido.

Da vida do autor pouco mais se sabe, a não ser o que ele mesmo deixa entrever no texto da obra. Estudara Direito, mas não completara o curso. Sacramento Blake o queria presbítero da Ordem de S. Pedro, mas já Afrânio Peixoto não viu qualquer indício de que o tenha sido. De fato, tudo no texto leva a crer que ele jamais tenha recebido Ordens, a começar pelo fato de afirmar não ser professor em matérias espirituais.

Para justificar o livro, ele logo no prólogo formula a pergunta: “o que se diria de um homem que, em presenciando atear-se fogo numa casa ou cidade, não gritasse para que acudissem com água ou instrumentos, a fim de evitar maior dano?” E, a seguir, responde a pergunta, afirmando que tal é a situação em que se encontra ele próprio, obrigado, por amor a Deus, a avisar e a denunciar a quase ruína da sociedade brasileira, devido à introdução de feitiçarias e calundus entre escravos, assim como de muitos pecados, superstições, e outros abusos que encontrou por toda parte.

Provavelmente a motivação do escritor, ao encetar a obra, terá sido preencher uma lacuna por ele percebida na sociedade. Propôs-se redigir uma obra escrita em linguagem acessível sobre o tema da moral, utilizando vários recursos literários, tais como parábolas e alegorias, pois, como ele mesmo declara no início da obra, “até Jesus Cristo preferira o uso das parábolas” para tratar de sólida doutrina, com o objetivo de melhor persuadir os homens. Também no texto apresenta

personagens que são alegorias, como o Ancião que representa o Tempo bem empregado, o Desengano, a Paciência, etc.

Sua erudição é patente. Trata-se de um homem de muito boas letras, familiarizado tanto com os clássicos da literatura latina, assim com os clássicos da literatura universal. Refere-se e cita com muita propriedade os textos dos santos e teólogos católicos como também escritores franceses, espanhóis, portugueses e autores contemporâneos dele, inclusive brasileiros como o Padre Antonio Vieira, Gregório de Matos, e outros. Demonstra conhecimento de leis, adquirido nos estudos de direito, explicando com pertinência sentenças de diferentes tipos de jurisprudência.

O autor se descreve a si próprio como peregrino e estrangeiro em terras americanas. Isto tanto pode ser interpretado literalmente, indicando que teria sido de fato um português que viajou pelo sertão da Bahia em busca das terras de Minas Gerais, como pode também ser interpretado em sentido metafórico, pois é bem verdade que a postura evangélica preconizada na Bíblia, é a de que todos vivam na terra como peregrinos a caminho do céu.

Logo no início, o autor se apresenta como um peregrino: “sou peregrino, e trato de minha salvação”¹. E logo mais adiante, acrescenta: “neste mundo não há mais que uma virtude, da qual se compõem as outras: e é o ter-se por peregrino nesta vida, e por Cidadão da Glória”².

À época, havia todo um gênero literário de cunho mais ou menos moralista, que utilizava a imagem da peregrinação. A idéia de peregrinação, portanto, era comum. Vários títulos similares, apresentando a mesma idéia, foram publicados ao longo do século. A obra mais conhecida, de autor português, citada por Nuno Marques Pereira, é a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, publicada em 1614.

Mas não só em Portugal a ideia era popular. De todas as obras escritas com título e temática similares, a mais famosa é sem dúvida o *Pilgrim's Progress, From This World to That Which Is to Come*, de John Bunyon, um clássico da literatura religiosa inglesa. Editada na Inglaterra entre 1678 e 1684, e, em seguida, traduzida, a obra de Bunyon teve grande divulgação e até o final do século XVII, havia sido traduzida para vários idiomas.

O tempo era o das lutas religiosas, como já foi referido. A ruptura da unidade da cristandade medieval, unidade preservada sob a égide da Igreja Católica, isto é, da igreja que se propunha ser universal, era vivenciada com grande sofrimento por toda a Europa, tanto por católicos quanto por protestantes. Dos séculos XVI a XVIII estas lutas alcançavam o paroxismo. E, naturalmente,

1 Pereira, Nuno Marques, *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, Tomo 1, Coleção Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1988, p.36.

2 *Ibidem*, p. 37.

repercutiam nas colônias da América.

Não é de admirar, portanto, que a discussão dos temas referentes à moral fosse palpitante. Pois, enquanto para protestantes, a moral poderia ser aferida diretamente da leitura da Bíblia e da interpretação individual dos seus textos, os católicos dependiam do magistério da Igreja.

Não obstante, a realidade vivenciada na colônia, com sua enorme extensão territorial pouco povoada, com a escassez de sacerdotes, principalmente de sacerdotes bem preparados para o exercício de seu ofício, era a de uma sociedade cada vez mais permissiva. A escassez de mulheres européias e a promiscuidade em que os portugueses se permitiam conviver com as escravas índias e negras, propiciava o crescente relaxamento dos costumes. Acrescente-se a este quadro a ganância despertada pela perspectiva de adquirir riqueza fácil pela descoberta do ouro nas Minas Gerais, e tem-se desvelado o quadro que tanto impressionou Nuno Marques Pereira.

3. A Obra

Daí que o livro *O Compêndio Narrativo do Peregrino da América* teve grande aceitação, sendo de 1728 sua primeira edição, a segunda de 1731, a terceira de 1752, a quarta de 1760 e a quinta de 1765. As sucessivas edições comprovam a popularidade da obra, popularidade que, como já foi dito, gozava o gênero no correr do século.

O sucesso de Nuno Marques Pereira decorreu, portanto, não só pelo mérito do próprio livro como pelo fato de haver atendido a um gosto da sociedade por esse tipo de literatura, tanto da sociedade colonial quanto a da metrópole, pois o livro também teve boa aceitação em Portugal.

Como fica patente pelo título, o tema é o relato de uma suposta viagem, uma peregrinação pelo sertão da Bahia rumo à zona da mineração. Ao longo do caminho, o peregrino, personagem principal, encontra muitas outras personagens, cujas histórias lhe vão sendo relatadas pelos interlocutores, servindo de ensejo para o peregrino dar conselhos segundo a doutrina moral da Igreja católica.

Entretanto, um dos comentaristas da obra, Afrânio Peixoto, descreve-a como um drama barroco, no qual o próprio autor se debate no dilema insuperável entre a volta a Deus, e seu apego ao mundo, ao “novo mundo” que se lhe depara como fascinante. Afrânio Peixoto interpreta o texto desta forma porque o livro está repleto de apaixonadas descrições da natureza tropical.

Ao longo do caminho, o peregrino ouve relatos de aventuras, perigos, crimes e desavenças; no mais das vezes ouve tudo com paciência e tolerância, observa inúmeras desgraças, enquanto aproveita para de tudo extrair lições e dar conselhos quando cabível.

Faz grande elogio das virtudes platônicas: prudência, justiça, fortaleza e temperança, e aponta os vícios dos quais se deve fugir: ambição, soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. Afirma que todo o homem dotado de entendimento é filósofo natural, mas que, mais vale obrar bem, do que ler ou falar sobre o que se deve fazer. Portanto, para se obrar bem é mais importante realizar o ato bom a que se propõe a vontade, do que discursar sobre ele.

Enumera os inimigos de que se deve fugir: o mundo, o demônio e a carne. Não se deve lutar contra nossos próximos, que são criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus, mas “pelo que tem de serem de barro, são fracas por natureza...”³

Começa então a analisar os vícios, a começar pela soberba e pelo amor à riqueza. “Querer ser rico é querer ser dos muitos que se perdem. Os ricos e soberbos do mundo não crêem estas verdades, como cegos de ambição, contentam-se com adorar as riquezas...”⁴ Entretanto, nem todo rico irá para o inferno. Muitos homens poderosos, ricos e fidalgos viveram e acabaram com grande virtude. Haja vista o primeiro Rei de Portugal, D. Afonso Henriques, homem de tamanha virtude que chegou a merecer que lhe aparecesse o próprio Cristo. Assim, muitos outros são apresentados, como exemplos de ricos virtuosos.

Na continuação, lê-se que a filosofia, como o ouro, pode ser vista e usada de inúmeras formas, umas boas, outras más. Pois a filosofia, sabida por um gentio, fará dele grande filósofo, porém, idólatra; aprendida por um cismático, fará dele grande mestre, porém, apóstata; ensinada aos calvinistas ou luteranos, fará deles bacharéis, porém hereges; mas estudada e praticada por um católico, fará dele perfeito licenciado, que irá aproveitar seu saber a si e aos outros. Também o ouro e os cabedais, nas mãos de um avarento o fará rico, mas, miserável; nas mãos de um vicioso, o fará ser “aborrecido de muitos”; em poder do insolente, o abrasará como fogo; mas, se cair nas mãos de um bom cristão, será de proveito de todos aqueles com quem o rico o irá repartir. Pois, assim como a filosofia toma os efeitos segundo os sujeitos em quem se acha, também o ouro vale, pelos efeitos que tem, nas pessoas em cuja posse se encontra.

Já a pobreza, é um hábito da vontade, iluminada pelo entendimento: é a capacidade de um homem contentar-se com o que lhe é necessário, desprezando o supérfluo. Também os ricos podem participar desta atitude, se repartirem com Deus e com os pobres “do que lhes sobra, do sustento necessário de seus estados e dignidades”.⁵ Mas a pobreza de quem não quer trabalhar, a pobreza “preguiçosa, calaceira, vagabunda”, esta é mãe de todos os vícios.

³ *Ibidem*, p. 50.

⁴ *Ibidem*, p. 41.

⁵ *Ibidem*, p. 70.

Isto quanto ao pensamento que serve de sustentação à pregação moral. O interesse da obra, no entanto, consiste muito mais nas estórias que o autor conta, com a graça de verdadeiro contador de estórias que é. Nuno Marques Pereira conta suas estórias para ilustrar o ensinamento dos Dez Mandamentos, a partir do primeiro: “*amar a Deus sobre todas as coisas*”. A propósito deste mandamento, relata uma visita a uma fazenda do interior, durante a qual ouviu, noite afora, uma barulheira que não conseguia explicar. Perguntando ao dono da fazenda de onde viria semelhante barulho, foi-lhe explicado que se tratava dos ritos que os escravos praticavam durante toda a noite. Então o viajante admoesta o dono da fazenda com as seguintes palavras: “Deus permite que muitos destes gentios sejam trazidos às terras dos católicos, para os ensinarem e doutrinarem, e lhes tirem os ritos gentílicos, que lá tinham aprendido com seus pais”.⁶ Em seguida, invectiva contra os maus tratos dispensados aos escravos, o modo bárbaro por que são tratados, o que avilta os escravos tanto quanto os seus donos. O peregrino aproveita o ensejo para aconselhar os senhores a usarem de caridade e humanidade para com os escravos.

Ao longo da obra, o autor também invectiva contra os maus costumes de grande parte do clero, que prevarica na reza do breviário, na celebração da missa, no púlpito, e só aspira ao gozo mundano em lugar de cuidar das almas. O moralista explica que a gravidade do pecado decorre da distância que vai do pecador “vil bicho da terra e um pouco de lodo” até “seu benfeitor, criador e redentor”,⁷ reproduzindo desta forma o argumento de S. Paulo.

Tamanho foi o sucesso da obra, que o autor se viu solicitado a escrever uma continuação dela. Esta segunda parte, depois de escrita, ficou relegada praticamente ao esquecimento durante duzentos e sete anos. Veio a ser publicada somente em 1988, pela Academia Brasileira de Letras, na Coleção Afrânio Peixoto. Assim, saiu como um Segundo Volume do *Compêndio Narrativo*. Durante duzentos e sete anos o texto estivera na Biblioteca Nacional de Lisboa, onde foi encontrado e revisto por um estudioso que preferiu se manter anônimo.

O texto é a continuação da temática abordada no Primeiro Volume, isto é, considerações moralizadoras, a propósito dos cuidados com a saúde, dos benefícios da verdadeira ciência e da forma correta de interpretar as artes. Condena, por serem prejudiciais à República, fazerem-se “comédias, passos, bailes, entremezes, toques de viola e musicas desonestas”...

Os últimos capítulos são dedicados a reflexões sobre o juízo final e a morte.

Ao encerrar o segundo volume, o autor do *Peregrino da América* prometeu ainda uma terceira parte, porque assim o solicitavam seus leitores. Esta terceira parte provavelmente jamais

⁶ *Idem*, p. 146.

⁷ *Ibidem*, p. 191.

foi publicada, posto que nunca foi sequer encontrada. Como Nuno Marques Pereira já era velho na altura da primeira publicação do primeiro volume, provavelmente jamais chegou a escrever o último, conforme pretendia.

Trechos da obra foram incluídos no volume *Moralistas do Século XVIII*⁸(8) da Biblioteca do Pensamento Brasileiro, editada em 1979, graças ao empenho de Antonio Paim e Celina Junqueira. *O Compêndio Narrativo do Peregrino da América* foi reeditado na íntegra, em dois volumes, pela Academia Brasileira de Letras, em 1988, acrescidos de notas e estudos de Varnhagen, Leite de Vasconcelos, Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon.

4. Considerações finais

É de lamentar que o livro não seja mais conhecido do público, tal como o *Pilgrim's Progress*, considerado clássico da literatura inglesa, cujas edições se sucedem ininterruptamente desde sua primeira publicação.

Apesar de muito longo, por vezes repetitivo, as exortações e referências aos santos e aos textos bíblicos, exageradas e extensas, o texto encanta pela forma coloquial usada pelo autor para contar suas histórias pitorescas, pelos diálogos cheios de vivacidade, pelos comentários críticos e humorísticos, pelos ditos populares jocosos da época assim como pelas descrições da natureza exuberante que representam um magnífico quadro do Brasil no século XVIII.

Referências:

PEREIRA, Nuno Marques, *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1988. Tomo I, Coleção Afrânio Peixoto.

The Concise Narration of the Pilgrim of America, by Nuno Marques Pereira

Abstract: The paper is about a book written in the XVIII century, when Brazil belonged to Portugal. It tells of a pilgrim who travelled through the Brazilian hinterland from Bahia to where gold was found in Minas Gerasi. In his travels, the pilgrim hears stories told by all kinds of people that he meets and he gives them advice as well as extracts lessons from their misfortunes, based on the moral precepts of the Catholic Counter-Reformation.

Keywords: catholic-morality; XVIIIth century; pilgrimage; colonial Brazil.

Data de registro: 12/05/2011

Data de aceite: 13/07/2011

⁸ *Moralistas do Século XVIII*, introdução de Anna Maria Moog Rodrigues, Rio de Janeiro: Documentário, PUC/ Conselho Federal de Cultura, 1979.